



QUEM É O BOM PROFESSOR PARA ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO?

MONTEIRO, Renata Gomes – PUCPR
renatapi23@hotmail.com

MARTINS, Pura Lúcia Oliver. – PUCPR
pura.oliver@pucpr.br

Eixo Temático: Didática: Teorias, Metodologias e Práticas
Agência Financiadora: Não contou com financiamentos

Resumo

Com o objetivo de traçar o perfil do bom professor, sob o ponto de vista dos alunos do Ensino Médio, o presente estudo traz as reflexões iniciais desenvolvidas no bojo de uma investigação, em andamento, que tem como objeto de estudo, o perfil do bom professor do Ensino Médio da escola pública e privada. Indaga-se: Como se realiza a relação professor-aluno-conhecimento? Como os bons professores são caracterizados? Que postura assumem diante de seus alunos? O que os diferencia? As reflexões em torno dessas questões, têm como propósito contribuir com a epistemologia da prática profissional do professor e explicitar aspectos que expressam o bom professor na escola pública e privada pela ótica do aluno do ensino médio. Dadas as características do objeto e os objetivos desse estudo, optamos por uma abordagem qualitativa de pesquisa. Uma pesquisa exploratória possibilitou a seleção dos professores sujeitos da investigação – um de cada escola - através da aplicação de questionários. Responderam o questionário 174 estudantes sendo 114 da escola privada e 60 na escola pública. O estudo inclui observação participante das aulas dos professores selecionados e entrevista semi-estruturada. Os autores que utilizamos para as análises são Veiga, Cunha, Tardiff e Nóvoa. O estudo revela que (i) embora as condições de trabalho das duas escolas sejam distintas, as características dos professores participantes da pesquisa apresentam pontos convergentes. Ambos reconhecem que os recursos da escola auxiliam a prática docente mas não são determinantes; (ii) As características do bom professor podem ser agrupadas em três dimensões: a pedagógica, a relacional e a pessoal. (iii) na dimensão pedagógica aponta-se a explicação da matéria, domínio do conteúdo, boa didática; (iv) na dimensão relacional destacam-se atenção às dificuldades dos alunos; boa relação interpessoal; (v) na dimensão pessoal expressam bom humor e gosto pelo que faz.

Palavras Chave: Bom professor. Ensino médio. relação professor-aluno-conhecimento.

Introdução

As discussões em torno da formação do professor historicamente situado, numa determinada organização de trabalho que tem implicações para a sua prática docente,

assumem centralidade nos meios escolares entre seus agentes e, nos meios acadêmicos, entre os estudiosos da área, nas últimas décadas. A década de oitenta do século passado constituiu-se num marco importante dessas discussões e práticas permeadas pela abertura política e intensificação dos movimentos sociais que influenciam sobremaneira a organização do trabalho pedagógico dos professores, a concepção de formação escolar, o significado social da escola, a concepção de bom professor.

Nesse período, as produções teóricas dos educadores vão expressar tentativas de responder a essas novas exigências. Muitos estudos e pesquisas centrados na prática pedagógica das escolas, sobretudo de Ensino Fundamental, desenvolvem alternativas para o ensino, voltadas para a lógica, os interesses e necessidades práticas da maioria da população presente nas escolas.

No bojo das discussões acerca dessas novas proposições pedagógicas, uma questão fundamental das formas e práticas de relação professor-aluno-conhecimento ganha especial destaque: o perfil do bom professor. De uma concepção de bom professor (década de setenta) tecnicamente competente, executor de programas concebidos e avaliados por especialistas e comprometido com o programa político-econômico do país; chega-se a uma concepção de bom professor (década de oitenta) sujeito historicamente situado e politicamente comprometido com a transformação social. Trabalhos como os de Cunha (1989) *O bom professor e sua prática*; Patrício (2005) *São deuses os professores? O segredo dos professores de sucesso* dentre outros, mostram a importância que a questão do professor bem sucedido assumiu nos meios educacionais.

Com efeito, nos dias atuais, o desafio está na necessidade substancial de formar professores que saibam auscultar os rumos do futuro e compreender os novos tempos que geram anseios nas novas gerações.

Com o objetivo de traçar, nesse início de século, o perfil do professor reconhecido como bom, por alunos do Ensino Médio, o presente texto traz as reflexões iniciais desenvolvidas no bojo de uma investigação, em andamento, que tem como objeto de estudo, o perfil do bom professor do ponto de vista dos alunos do Ensino Médio, pela via da prática pedagógica. O propósito é analisar as suas práticas e posturas em sala de aula no contexto de dois espaços escolares: o público e o privado.

Diante da organização e da estrutura desses dois espaços (escola média pública e escola média privada) indaga-se: Como realiza a relação professor-aluno-conhecimento? Como

os bons professores são caracterizados? Que postura assumem diante de seus alunos? O que os diferencia? As reflexões em torno dessas questões, têm como propósito contribuir com a epistemologia da prática profissional do professor e explicitar aspectos que expressam o bom professor na escola pública e privada pela ótica do aluno do ensino médio. Para tanto, se intenta verificar as formas e práticas de relação professor-aluno-conhecimento na sala de aula; analisar as características mencionadas pelos os alunos da escola pública e da escola privada ao elegerem o bom professor; registrar os pontos semelhantes e diferentes citados por esses dois grupos de estudantes ao apontarem o docente bem sucedido.

Dadas as características do objeto e os objetivos desse estudo, optamos por uma abordagem qualitativa de pesquisa. Isso porque, essa abordagem possibilita fazer descrições detalhadas do objeto pesquisado e permite que o pesquisador – a partir de observações amplas e livres – elabore categorias provenientes da própria coleta de dados.

Iniciamos nosso estudo com uma pesquisa exploratória através da aplicação de questionários em estudantes do nível médio de ensino de duas escolas: uma pública e uma privada. Responderam o questionário 174 estudantes sendo 114 da escola privada e 60 na escola pública. O objetivo dessa pesquisa exploratória foi selecionar, pela indicação dos estudantes, os professores sujeitos da nossa investigação. Foi selecionado um professor de cada escola para ser acompanhado em sua prática pedagógica pela observação em sala de aula. Complementando o levantamento de dados, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com esses professores.

Para encaminhar nossa reflexão sobre o bom professor pelo olhar do aluno do ensino médio apresentamos um breve resgate histórico da concepção de bom professor a partir do Brasil colônia; contextualizamos a escola média pública e privada e finalizamos com as primeiras sistematizações sobre o perfil do bom professor para o aluno do ensino médio.

O bom professor: um pouco de história

Verifica-se que o mundo moderno pede do educador habilidades e conhecimentos que não eram mencionados em tempos atrás. A respeito disso tomo de Arroyo (2008) a seguinte reflexão:

Escreve-se muito sobre o professor que queremos, sobre como formá-lo e assumi-lo, como se estivéssemos diante de um profissional sem história. Um modelo novo a ser

feito e programado. Um profissional que podemos fazer e desfazer a nosso bel-prazer; com novos traços definidos racionalmente pelas leis do mercado, pelas novas demandas modernas. Ou até pensamos podermos ser o professor que queremos, que sonhamos. É só constituí-lo em constituintes. Programá-lo, discutir seu perfil progressista, crítico. Tracemos um novo perfil e ele se imporá como um modo de ser daqui pra frente... [...] Ignora-se que o ofício de mestre educação primária, fundamental, básica carrega uma longa história. É uma produção social, cultural que tem sua história (ARROYO, 2008, p.38).

Para ser coerente com a fala de Arroyo (2008) visualizaremos um pequeno histórico sobre o “bom” professor desde o Brasil colônia até os dias presentes. Porém, pretendo deixar claro que minha intenção com essa análise do bom professor – entende-se aqui o “bom professor” como aquele que se adequava às prescrições educativas e se destacava por isso - em tempos anteriores foi feita apenas com a finalidade de se compreender como essa idéia de bom professor no cenário educacional pode vir a tomar formas diversas nos diferentes contextos históricos.

Essa forma de conceber o papel da educação e, no seu interior, a construção do conceito de “bom professor”, mesmo que considerado no âmbito da escola monocultural e meritocrática, varia e tem variado com o contexto histórico-ideológico em que tem lugar. [...] é importante salientar que, até mesmo numa mesma época esse conceito se altera, assumindo características diferentes, por exemplo, consoante o nível do sistema educativo que se está a considerar (CORTESÃO, 2000, p.37).

Assim vale destacar que com a Companhia de Jesus, no período colonial, a idéia de bom professor era remetida aquele bom orador que educava para tornar o homem mais homem e moralizá-lo. Na formação dos futuros oradores jesuítas era ensinada a retórica e esta deveria “dar conta de três coisas essenciais que então resumiam e normalizavam toda a educação: os preceitos, o estilo e a erudição” (HANSEN, 2000, p.26).

No período imperial ainda não se podia falar em profissionalização docente, porém, nesse período, o método Lancaster toma forma e assinala características do que deve ser um bom educador. Ele deveria: vigiar, estimular e controlar os alunos em sala de aula e, além disso, poderia fazer uso de uma pedagogia moralista que servisse a educação do povo, e não somente a simples instrução. Nesse método foi estabelecido um sistema de “ordens” que eram manifestadas por meio de comandos como podemos visualizar a partir de um trecho do livro

de Lancaster (1805): “Desatem os chapéus, sentem,tirem as lousas, escrevam fora, andem para frente, vão,mostrem as lousas ao mestre, andem para trás, guardem as lousas,coloquem os chapéus,vão”(citado por Neves ¹).

Se ser bom professor no Brasil colônia e no Brasil império estava vinculado a boas predições morais, no período republicano essa idéia de bom professor ganha novo formato. Durante a república começa a se ter uma preocupação em “como se conhece”. A educação ganha caráter civilizatório mais determinante e passa a exigir bases científicas para profissionalização dos professores. Nesse quadro pressupõem-se o bom professo adquirindo um perfil de formador “cívico-patriótico” e que obedecia a critérios racionais, seguindo os conteúdos definidos; tendo prescritos para ensinar, local e materiais apropriados.

Queluz & Alonso et al (1999), lembram que os professores estavam acostumados a um trabalho bem definido – o ensino e transmissão de conhecimentos -, e na atualidade eles se vêem diante de uma situação totalmente nova e reconhecem muitas vezes a necessidade de redimensionar o seu trabalho e buscar novas bases para um ensino eficiente e eficaz. Percebe-se, assim, que o papel do professor, dentro de um parâmetro histórico, vai adquirindo dimensões pessoais, relacionais, situacionais e institucionais mais amplas e complexas.

Os debates e pesquisa sobre formação de professores têm revelado uma preocupação constante com as práticas docentes frente toda a complexidade atual do cotidiano escolar. E é “no embate com a realidade escolar que antigas certezas caem por terra e exigem cada vez a busca e o entrecruzamento de saberes” (CAMPOS ;PESSOA, 1998, p.184).

E é nesse contexto que emerge a idéia do bom professor como prático reflexivo que apresenta um manejo diante da complexidade e sabe como resolver problemas práticos através da integração criativa e crítica entre técnica e conhecimento. E essas duas dimensões – prática e teórica – aparecem em um quadro dialético que permite um trabalho reflexivo habilidoso e contundente. Aqui vale lembrar Freire (1996, p.22) ao citar que “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blablá e a prática, ativismo”.

Refletir e entrar em contato com esse movimento traz à cena a questão da identidade do professor. Entende-se que para ser professor há (ou deveria haver) a exigência de um saber determinado e qualificação profissional por meio do domínio de teorias pedagógicas

¹ Professora do programa de Pós-Graduação em Educação/UEM, Coordenadora do Grupo de Estudos e de Pesquisa sobre a História dos Campos Disciplinares (GEPECADIS)

definidas, mas admitindo a impossibilidade de um conhecimento pedagógico que não se construa a partir da reflexão prática.

Pincelamos acima uma trajetória a respeito das idéias de bom professor nos tempos históricos percorrido, levando-se em conta o contexto social, político, cultural e econômico de cada momento, além da relação do docente com os saberes utilizados para educar. Aqui vale citar uma definição mais atual de bom professor escrita por LABARE² (2000 apud NÓVOA, 2008), já que percebemos os “modelos” e as idéias de bom professor se modificando e se alterando com o passar do tempo.

Um bom docente é aquele que se torna não-indispensável, que consegue que seus alunos aprendam sem a sua ajuda. Assim, os docentes desmitificam o seu próprio saber e entregam a fonte do poder ao cliente, o que outras profissões guardam zelosamente. (LABARE 2000 apud NÓVOA, 2008,p.232).

O bom professor da escola pública e da escola privada

Analisando o contexto de uma escola média pública e privada evidencia-se as diferenças culturais, pedagógicas, econômicas e estruturais de ambas. Não tem como negar: os espaços físicos, os recursos didáticos e o número de pessoas envolvidas na educação dos alunos das escolas privadas é consideravelmente maior que nas escolas públicas.

Pode até parecer óbvio demais tal afirmação, mas agora trazemos os dizeres de textos sobre metodologia de pesquisa ao ressaltarem que: os dados da pesquisa não estão prontos, o contexto se mostra e o pesquisador precisa tirar os dados de lá. É exatamente isso que ocorreu durante as visitas e observações nos dois espaços escolares (público e privado). Ambos são diferentes e não precisa estar em pesquisa para perceber isso, mas, quando você os adentra, percebe mais claramente as diversidades e as semelhanças intrínsecas a eles.

Se observarmos os resultados do ENEM³ vemos claramente a disparidade entre a rede pública e privada, uma vez que os resultados do exame citado denunciam, de alguma maneira, a falência das escolas da rede pública, pois entre as mil escolas do país com piores notas no ENEM de 2008 , 965 são das redes estaduais. Na ponta de cima do ranking ocorre o inverso:

² LABARE, D. On the nature of teaching and teacher education: difficult practices that look easy. *Journal of Teacher Education*, v.51, n.3, p. 228-233, 2000.

³ O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), foi criado em 1998 tem o objetivo de avaliar o desempenho de estudantes da escola pública e privada no fim da escolaridade básica.

os colégios estaduais são apenas 36 entre os mil com melhor desempenho. Ou seja, somente 3,6% embora 85% dos estudantes de nível médio no país frequentem estabelecimentos mantidos pelos governos estaduais⁴

Com efeito, os resultados da pesquisa vêm apontando para certas disparidades entre os dois contextos escolares, porém, vemos nos dois professores analisados que ambos apresentam pontos semelhantes mesmo estando em espaços e condições objetivas de trabalho distintas

Eis algumas palavras da professora indicada pelos alunos da escola pública como *boa professora*:

“Nós fazemos parte de uma realidade desigual e isso é fato. Por isso eu acredito que não posso ter como base de comparação com a escola pública outra escola que tem melhor estrutura. Sabe por que razão? Isso não deve ou não deveria ter influencia no acesso ao conhecimento. É claro que uma boa estrutura facilita: você entrar num espaço mais organizado, com uma biblioteca que encante, que te traga para perto dela, com acesso aos computadores; mas a escola pública não acompanha isso. Porém, isso não é determinante para eu ensinar melhor aos meus alunos. Se eu tenho só o giz, pronto! O giz é nosso, então vamos ver como posso ensinar da melhor forma usando apenas isso.”

Por seu turno, o professor indicado pelos alunos da escola particular diz

“Toda estrutura da escola me auxilia a ensinar. Tenho tudo aqui! Tenho uma lousa digital, tenho retroprojetor e por isso posso fazer coisas bem diferentes [...] mas eu acho que tem que gostar das pessoas, tem que querer vê-las aprendendo e não só o quadro, os recursos que tenho para ensinar, a matemática em si, não é ficar no quadro escrevendo bonitinho... tem um quê por trás disso, se não, não tem sentido.”

O que pudemos observar é um compromisso de ambos os professores com a aprendizagem dos alunos, reconhecendo que os recursos da escola auxiliam na sua prática docente, mas que não a determinam.

Delineando o perfil do bom professor: as primeiras pistas

⁴ Dados pesquisados no site:
<https://conteudoclipingmp.planejamento.gov.br/cadastros/noticias/2009/4/29/enem-mostra-a-falencia-das-escolas-publicas-nos-estados>

A sistematização preliminar dos dados obtidos nesse estudo tem indicado que o exercício da docência envolve uma variedade de saberes. Veiga (2008) classifica esses saberes em: saberes específicos, saberes pedagógicos e os saberes construídos nos espaços da experiência. Tardif (2002) também apresenta uma classificação de saberes necessária à prática docente, dentre eles temos: saberes pessoais, saberes provenientes da formação escolar, saberes provenientes da formação profissional para o magistério, saberes provenientes dos programas e livros didáticos usados no trabalho docente e, por fim, saberes provenientes da sua experiência na profissão, na sala de aula e na escola.

E é por meio dessas dimensões de saberes, apontados por alguns autores, que estamos formulando categorias para traçar o perfil do bom docente. Assim, as características e atitudes dos bons professores elencadas pelos estudantes nos possibilita reconhecer três grandes dimensões na atuação do educador bem-sucedido perante a comunidade escolar, quais sejam, a dimensão pedagógica, a dimensão relacional e a dimensão pessoal.

Inseridos na dimensão pedagógica encontramos os seguintes pontos a analisar em relação aos bons professores: apresentam boa explicação da matéria, tem conhecimentos que vão além dos conhecimentos da matéria a ser ensinada e dão aulas interessantes. Na dimensão relacional temos os seguintes aspectos: se relacionam bem com os alunos, fazem os alunos ficarem atentos durante as aulas, interagem com os alunos durante as explicações e são atenciosos com os alunos no sentido de se preocuparem com a aprendizagem deles. Na dimensão pessoal, temos bons professores que são: bem humorados, divertidos e gostam de ensinar.

No que diz respeito à dimensão relacional tomamos de Nóvoa (2008, p.229) os seguintes dizeres:

A atividade docente se caracteriza também por uma grande complexidade do ponto de vista emocional. Os docentes vivem num espaço carregado de afetos, de sentimentos e de conflitos. Quantos prefeririam não participar disso? Mas eles sabem que um tal distanciamento seria a negação do seu próprio trabalho. Que ninguém se iluda.

A concepção de bom professor nos dois cenários pesquisados (escola pública e privada) tem nos levado a perceber que o gostar de ensinar é um aspecto inegável e inerente

ao perfil dos dois docentes estudados. Além disso, vimos que os nossos bons professores assumem de forma compromissada e séria a suas tarefas de educadores: ambos não dispensam, de maneira alguma, a certeza de que durante as suas explicações todos os alunos estejam entendendo o que está sendo dito. Esses aspectos têm servido de ponto de partida para o delineamento do perfil do bom docente.

Considerações provisórias

É preciso dizer que as considerações feitas aqui ainda são provisórias, uma vez que a investigação não foi finalizada. Porém, já pudemos perceber aspectos relevantes em relação ao objeto de estudo pesquisado.

Um primeiro aspecto a ser considerado é que o fato de a escola ser pública ou privada não é causa direta que define a melhor atuação dos docentes, pois se vê que os dois professores, em ambos os espaços, querem mesmo é atingir seus objetivos na hora de ensinar: fazer o aluno aprender. Confirmamos isso também na declaração da professora da escola pública ao afirmar que mesmo a escola se apresentando com poucos recursos, isso não a impossibilita de ajudar seus alunos a ter acesso ao conhecimento.

Com efeito, verifica-se que as ações pedagógicas dos professores da nossa pesquisa envolvem uma articulação entre diferentes saberes e conhecimentos que os fazem ser reconhecidos como bons pelos alunos. Além disso, temos percebido que ambos apresentam características semelhantes no que tange ao exercício da atividade docente: os dois relatam que gostam de ensinar, que se preocupam intensamente com a aprendizagem dos alunos e que fazem questão de manterem, com os discentes, uma relação amigável e, portanto, de proximidade.

Para finalizar essas reflexões provisórias, valemo-nos das palavras de Cunha (1998):

A forma de ser do professor é um todo e dependente, certamente, da cosmovisão que ele possui. Não sei até que ponto é importante ou possível classificar as atitudes dos professores. Até porque também elas, como fruto da contradição social, nem sempre apresentam formas lineares e totalmente coerentes com uma corrente filosófica. É inegável, porém, que a forma de ser e de agir do professor revela um compromisso. E é esta forma de ser que demonstra mais uma vez a não-neutralidade do ato pedagógico (CUNHA, 1998, p.70).

REFERÊNCIAS

- ALVES, A. J.. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. **Caderno de Pesquisa**. São Paulo, n.77, p.53-62, maio, 1991.
- ARROYO, M.G. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CORTESÃO. L. **Ser professor: um ofício em risco de extinção?** Reflexões sobre práticas educativas face à diversidade, no limiar do século XXI. Porto: Edições Afrontamento, 2000.
- CUNHA, M.I. **O bom professor e sua prática**. Campinas, SP: Papirus,1998.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HANSEN. J. A.. A civilização pela palavra. IN: LOPES; FARIA FILHO; VEIGA (orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica,2000.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E.D.A. **Pesquisa em educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: E.P.U. , 1986.
- NEVES. F. M.. **O método lancasteriano e o ensino da ordem e da disciplina para os soldados do império brasileiro**. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT02-3119--Int.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2008.
- NÓVOA, A. Os professores e o novo espaço público da educação. In: TARDIF, M.;LESSARD.C. **O ofício de professor: histórias, perspectivas e desafios internacionais**. Tradução de Lucy Magalhães. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- QUELUZ, A.G.; ALONSO, M.(orgs.). **Trabalho docente: teoria e prática**. São Paulo: Pioneira, 1999.
- TARDIF M. **Saberes docentes e a formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002
- VEIGA, I.P.A. Docência como atividade profissional. In: VEIGA, I.P.A., D'AVILA. C.M.(orgs.). **Profissão Docente: novos sentidos, novas perspectivas**. Campinas, SP: Papirus, 2008.